Esse químico sou eu! Homenagem a Walter Mors no centenário de seu nascimento

I'm that Chemist"! An homage to Walter Mors on the centennial of his birth

Alessandra Leda Valverde,^a Fernanda da Costa Neves,^b Roberto Carlos Campos Martins,^c Luiz Mors Cabral^d

^a Universidade Federal Fluminense, Departamento de Química Orgânica, CEP 24020-005, Niterói, RJ, Brasil. Email: alessandravalverde@id.uff.br

^b Instituto de Pesquisa em Produtos Naturais Walter Mors da Universidade Federal do Rio de Janeiro, CEP 21941-599, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Email: fncosta@ippn.ufrj.br

^c Instituto de Pesquisa em Produtos Naturais Walter Mors da Universidade Federal do Rio de Janeiro, CEP 21941-599, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Email: roberto@ippn.ufrj.br

^d Universidade Federal Fluminense, Departamento de Biologia Celular e Molecular, CEP 24210-201, Niterói, RJ, Brasil. Email: luizmors@id.uff.br

Esse número especial da Revista Virtual de Química (RVq) contém os trabalhos selecionados na V Jornada Fluminense de Produtos Naturais (VJFPN) que aconteceu de 29 de novembro a 3 de dezembro de 2020 sendo organizado pelo Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors (IPPNUFRJ) e realizado online. O tema deste ano foi “Biodiversidade, inovação e empreendedorismo”. Os convites, indicação de revisores e aceitação dos trabalhos foram organizados pela Comissão Científica da VJFPN, composta pelos professores Alessandra Leda Valverde¹, Fernanda da Costa Neves² e Roberto Carlos Campos Martins³.

Pela primeira vez, desde a sua criação em 2008, a JFPN ocorreu de modo virtual, devido à gravidade da pandemia de COVID-19, que levou o mundo inteiro a se reinventar em diversos aspectos, inclusive o formato de eventos. Para nossa grata surpresa, a VJFPN foi um sucesso, congregando palestras, mesas-redondas e apresentação de trabalhos de alto nível e, talvez pela virtualidade do ambiente, expandiu sua abrangência de participantes. Ao todo foram 221 inscritos de diversas instituições de todas as partes do Brasil com a apresentação de 78 trabalhos, uma contribuição valiosa à Química de Produtos Naturais. Nesta edição, a VJFPN homenageou o centenário do Dr. Walter Mors, cuja inestimável contribuição para a Química de Produtos Naturais no Brasil pode ser traduzida nas palavras do seu neto Luiz Mors Cabral⁴.

“Se vivo, Walter Baptist Mors teria completado 100 anos em 2020. Walter dedicou sua vida à química de produtos naturais, e foi um visionário da ciência brasileira. Walter foi meu avô e certamente foi a maior inspiração para que eu trilhasse uma carreira na academia. Diante das homenagens que recebeu em seu centenário, pretendo traçar aqui um painel um pouco mais pessoal de sua dedicação à ciência. Não saberia fazer diferente.

Nascido na cidade de São Paulo, cursou o curso de Química na USP, em uma de suas primeiras turmas. Já no final do curso, próximo à formatura, um dos seus professores comentou que havia recebido uma carta do recém-criado Instituto Agrônomo do Norte, solicitando um químico para trabalhar em Belém. No final da aula meu avô foi até o professor e se ofereceu para a vaga: “Esse químico sou eu”. Em 1943, recém-formados, meus avós se casaram e partiram para Belém. Começava ali a intensa ligação do meu avô com a química de produtos naturais. Para ele, residia nas plantas brasileiras e no conhecimento tradicional, o caminho para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Em Belém meus avós passaram 4 anos. Foi um período duro, de privações causadas pela guerra, mas também foram os anos em que ele se apaixonou de forma definitiva pelas plantas brasileiras e sua enorme riqueza. No Instituto Agrônomo do Norte meu avô ficou responsável por estudar a ocorrência e qualidade de plantas do gênero *Derris* (Fabaceae) e a possibilidade de utilizar extratos dessas plantas para a produção de inseticidas. Os timbós, como essas plantas eram conhecidas, são tradicionalmente utilizados pelos índios da Amazônia em pescarias, aproveitando seu veneno (a rotenona) para atordoar os peixes.

Em 1947 meus avós deixam Belém e vão para o Rio de Janeiro, onde meu avô havia conseguido uma vaga no Instituto de Química Agrícola (IQA). Ali encontra uma conjunção de fatores muito interessantes, com a possibilidade de estabelecer colaborações com pesquisadores e centros de pesquisa estrangeiros. Em 1956 ele consegue uma bolsa da Fundação Rockefeller e parte com toda a família (a essa altura seus três filhos já haviam nascido) para Detroit, para trabalhar com Carl Djerassi, na Wayne State University. Djerassi se tornaria um amigo e colaborador do meu avô, e seria fundamental para o desenvolvimento da química de produtos naturais no Brasil. Um fruto direto dessa colaboração foi a aquisição pelo IQA do primeiro espectrofotômetro de infravermelho instalado em uma instituição brasileira.

O IQA foi extinto em 1962, fruto de mudanças no Ministério da Agricultura. Paulo da Silva Lacaz, então professor da faculdade de farmácia da UFRJ, percebeu o potencial das pessoas que trabalhavam ali, e enxergou no fim do IQA a chance de levá-las para a Universidade. Os pesquisadores do IQA foram alocados no Centro de Pesquisas de Produtos Naturais (CPPN), em instalações na Praia Vermelha, que mais tarde iria para o prédio do Centro de Ciências da Saúde, na Cidade Universitária. Ali meu avô trabalharia até o fim da vida, orientando alunos, conduzindo pesquisas, formando massa crítica tão fundamental para um ambiente científico prolífico e construindo (à mão) um centro de excelência em química de produtos naturais. Aos pioneiros reunidos pelos esforços de Lacaz (Walter Mors, Benjamin Gilbert, Joaquim Martins Ferreira Filho, Keith S. Brown Jr.) logo se juntariam outros grandes nomes da química de produtos naturais, como Affonso do Prado Seabra, Hugo J. Monteiro, Paul M. Baker e Jaime Rabi. Apesar de ter passado por Belém, pelo IQA e pelo estágio nos Estados Unidos, foi na Universidade que meu avô encontrou o ambiente ideal que lhe proporcionou colaborações e amizades que durariam por toda a vida. Um grande feito dessa época foi a instalação de uma central analítica de última geração. Uma conquista coletiva, bem ao gosto do meu avô, que colocou o CPPN na vanguarda da química de produtos naturais.

Os anos de CPPN foram de muita luta, erigindo praticamente do zero um instituto produtivo e importante. Em 1976 o então reitor da Universidade, professor Alcides Caldas percebeu que apesar de ser um orgulho da UFRJ, o CPPN possuía status frágil dentro da estrutura da Universidade. O reitor estranhava o fato do Centro de Pesquisas de Produtos Naturais estar dentro do Centro de Ciências da Saúde. Como era possível que um centro contivesse outro centro? Por suas mãos o CPPN torna-se NPPN, Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais (hoje Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors).

Em colaboração com muitos colegas e alunos Walter produziu uma longa série de trabalhos sobre produtos naturais, sempre conectando a academia aos saberes populares. Com base nas garrafadas, tão comuns na cultura popular, investigou o potencial antiofídico de plantas, isolando várias substâncias responsáveis pela proteção contra venenos de cobras. Publicou nas melhores revistas científicas do mundo, como seu artigo publicado na Science sobre o epoxigeranilgeraniol, obtido dos frutos da sucupira-branca (*Pterodon pubescens*), que impede a penetração das cercarias do *Schistosoma mansoni* na pele do hospedeiro. Foi co-autor, juntamente com seus grandes amigos Carlos Toledo Rizzini e Nuno Álvares Pereira do livro “Medicinal Plants of Brazil”, publicado somente no exterior. Com Rizzini publicou também “Botânica Econômica Brasileira”.

Foi presidente de honra da Associação Brasileira de Química em 1993 e membro eleito da Linnean Society of London. Recebeu em 1994 a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, e em 2001 a Medalha Simão Mathias da Sociedade Brasileira de Química (SBQ).

Nós, da família, adoramos colecionar as histórias do meu avô, e de quando em quando somos presenteados por passagens novas. Recentemente meu colega da Universidade Federal Fluminense, o professor Vítor Ferreira, me procurou para contar uma interessante. Frequentemente meu avô recebia colegas e alunos da Universidade em sua casa em Jacarepaguá. Em uma dessas ocasiões, a churrasqueira queimava uma lenha de ipê, e o calor fazia brotar uma substância amarela que intrigou os químicos. Foi meu avô que deu a resposta: “isso é lapachol, um composto muito interessante e pouquíssimo estudado”. E sugeriu ao professor Antônio Ventura Pinto estudar aquela substância. Pois o Ventura fez uma brilhante carreira toda em cima do lapachol!

Meu avô faleceu em 2008, aos 88 anos, e deixou uma obra robusta. Alunos formados, artigos e livros publicados, um instituto renomado. Defendeu e praticou ao longo da vida os ideais de uma universidade forte, e de uma ciência conectada aos saberes populares. Viu, antes da maioria, que o caminho para um país próspero e justo está na biodiversidade brasileira, em seu estudo e naquilo que podemos aprender e produzir a partir dela. E mais, além disso tudo, para mim e para outros que tiveram a sorte de conviver com ele, seu maior legado parece estar na capacidade que ele tinha de inspirar”.